CAPÍTULO 1 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS (em construção)

> “- Quando uso uma palavra – disse Humpty Dumpty em tom de escarninho – ela significa exatamente aquilo que eu quero que ela signifique nem mais nem menos.
>
> - A questão – ponderou Alice – é saber se o senhor pode fazer as palavras dizerem coisas diferentes.
>
> A questão – replicou Humplty Dumpty – é saber quem manda. É só isso.”
>
> (Lewis Carrol em “Através do espelho e o que Alice encontrou lá.”)

A migração brasileira para Portugal tornou-se, nas últimas décadas, o maior fluxo migratório entre os dois países está inserido na chamada quarta onda migratória, marcada pela diversidade: famílias, jovens qualificados, estudantes, empreendedores e aposentados. Compreendidas como “migrações contemporâneas”, essa mobilidade humana tomou novos caminhos e desafia a repensar relações e políticas e culturais para a integração Brasil/Portugal implicando em buscar por novas formas de tratar a questão das migrações e dos emigrantes/ imigrantes. Dessa forma, nos atuais fluxos emigratórios do Brasil para Portugal, vale questionar o *boom* destas emigrações relacionadas as agendas políticas dos Estados português e brasileiro, no trato da “questão do imigrante” em geral. Lembrando que um dos fundamentos desta pesquisa é o reconhecimento de que na atualidade, ficou claro o processo de exotização de brasileiros em Portugal. Esse processo é um fenômeno social de efetivação dos estereótipos – tem relação íntima com a sua produção – mas vai além da mera constatação da sua existência. a práxis da população brasileira estereotipada se relaciona com as imagens constituídas do imaginário hegemônico português de uma forma ativa. Ou seja, os imigrantes brasileiros não apenas estão sujeitos à construção das imagens estereotipadas por determinados agentes de poder, mas também são sujeitos ativos da própria exotização. Assim, adaptar-se mais eficientemente aos estereótipos portugueses pode conferir maior poder a determinadas pessoas. A forma como os brasileiros organiza sua "vida coletiva" permite entender como eles progressivamente vão se tornando "exóticos", no sentido determinado por um universo simbólico português abarrotado de imagens sobre os brasileiros. Resta averiguar o que está por baixo da divulgação da “volta para a sua terra” e o discurso português que indica a necessidade do trabalho imigrante.

Do ponto de vista metodológico, este estudo está fundamentado, principalmente, nas experiências e lembranças recolhidas na memória de pessoas que vivem a experiência de emigração/imigração. São pessoas que se deslocaram do Brasil para Portugal no período de 2000 até o presente (2025-2026). Em virtude da impossibilidade de retermos todo o conjunto de lembranças e vivências passadas, pode-se deduzir que temos, de cada uma, fragmentos de memória, porque pela

característica seletiva da memória, cada pessoa guarda dos acontecimentos apenas o que lhe é significativo e/ou oportuno. Lembramos e esquecemos por vontade, desejo ou somos levados a lembrar/esquecer. Nesse sentido, os estudos sobre o fenômeno da memória são fundamentais e atravessam as etapas de análise dos dados recolhidos.

Dessa forma, trata-se de um estudo cujas principais fontes são "construídas" através de narrativas orais sujeitas às possibilidades e limitações do fenômeno da memória. Sendo os estudos da memória considerados instrumentos catalisadores de toda a pesquisa, esta é abordada em seus diversos aspectos e analisada à luz de diferentes autores. Considera a memória como fenômeno individual, ou seja, como os sujeitos constroem suas memórias subjetivamente, recorrendo principalmente aos estudos de Bergson (1990); do ponto de vista coletivo, através das análises de Halbwachs (1990), o qual verificou a importância da construção de "quadros sociais da memória", para que os grupos se mantenham coesos e possam garantir sua memória. Outros aspectos temos estudos mais contemporâneos, enfatizando: Geertz (1978), Marcuse (1968), Foucault (1987), Benjamin (1986, 1987), Le Goff (1990) e Giddens (1991). Esses estudos consideram a atuação dos indivíduos em suas relações sociais, isto é, verificam que estes não são apenas determinados por uma "consciência coletiva" (Durkheim:1982), mas levam em conta as ações e experiências individuais e coletivas dos atores sociais no processo de interação. Nestes autores, embora por abordagens diferentes, a memória é também responsável pela dinamização, movimento e conflito social. Dessa perspectiva, deseja-se considerar a questão da memória e informação relacionada ao universo digital – (acrescentar – Ler Thiesen I, Pimenta. R.)

Portanto, cientes de que de cada pessoa apresenta "fragmentos' possíveis de memória que reunidos formarão um conjunto, o qual, mesmo sem oferecer a totalidade das experiências vividas pelas pessoas envolvidas no acontecimento migratório, certamente mostrará elementos comuns que orientarão a análise dos dados.

Esses fragmentos, são colhidos em entrevistas (documentos) e abordados através da História Oral, vista aqui como metodologia ou como chamou Meihy (1996) um "lócus multidisciplinar federativo", uma vez que se trata de uma proposta que visa "perceber o impacto dos acontecimentos em nível subjetivo, no indivíduo e através deste na sociedade" (ibid., p.52).

Entende-se que esta forma de abordagem, possibilita que as narrativas orais possam fazer aflorar mentalidades individuais e coletivas ligadas a um Imaginário social, estruturado por representações que afloram nos discursos e nas práticas sociais. Embora, obviamente, considerando que não estabelecem uma única visão

de mundo, uma vez que o imaginário é recortado pelas inúmeras culturas que o compõem.

O objetivo das entrevistas é responder às perguntas: Quais os grupos sociais compõem o atual fluxo migratório? Como se organizam? Como subsistem e quais os seus objetivos e planos? Quais símbolos presidem o seu comportamento? Como são formadas suas estratégias de vida e como resolvem seus conflitos?

As respostas a essas questões no seu conjunto, revelam a dimensão dos costumes constituídos ou *ethos* cultural, fundamental para o entendimento de visões de mundo que perfazem identidade dos grupos.

A pesquisa não pretende definir o que foi ou é ser imigrante, nem muito menos generalizar uma história dos imigrantes brasileiros em Portugal, todavia a partir do que as pessoas entrevistadas dizem sobre "a vida de imigrante", credita a possibilidade de verificar como este processo influenciou suas vidas particulares e como esses dados são incluídos na dinâmica sociocultural e política. Por exemplo, como os países envolvidos tratam a questão das migrações e qual o significado lhes atribuem?

Em síntese, a investigação, articula conceitos e categorias provenientes das ciências sociais, enfatizando aspectos socio-psico-antropológicos e históricos, estabelecendo um movimento entre a subjetividade e a objetividade. Portanto, interessa o movimento entre o geral e o específico, ou seja, a relação dialética indivíduo, sociedade e cultura, que poderá ser pensada através da dinâmica entre as práticas e o imaginário social.

A História oral facilita este movimento, uma vez que é capaz de se colocar do ponto de vista dos "esquecidos" da história, como "contra-história", e favorece as posições metodológicas que se põem contra as determinações dadas pelas grandes estruturas. Concorda-se que em temas que podem gerar inúmeros conflitos, como o das migrações e identidade "imigrante", a história oral tem capacidade de se insurgir como o avesso de tendências massificantes que expulsaram os seres humanos das reflexões sociais (Meihy,1996, p.22). Portanto, acrescenta-se a função de desmascarar processos ideológicos, dando-lhe possibilidades de tornar-se um recurso importante para identificar grupos, em essência marginalizados, e ainda ajuda a perceber as ideologias que circundam a história, desmitificando os documentos existentes e ajudando a descobrir, a localizar e preservar outros, como ensinou Thompson (1992, p.25).

Entretanto, deve ficar claro que, ainda a concordar com Paul Thompson (1992), "ela por si mesma não é um instrumento de mudanças nem de libertação, pois isto "depende do espírito com que seja utilizada". Mas, sem dúvida, possui grande

potencial transformador, porque além de alterar o enfoque da própria história, pode revelar novos campos de investigação.

Para tratar as entrevistas, a orientação inicial buscou elementos e técnicas capazes de fazer aflorar as vivências dos sujeitos numa dimensão muito diferente, ou mais profunda do que análises temáticas, como por exemplo a imigração, o imigrante. Neste sentido, a opção é pela "história de vida". Os colaboradores da pesquisa foram convidados a contar sua trajetória, abrindo espaços para que essa história seja montada de acordo com a disposição individual. Nesse ponto, sempre que possível, a presença será privilegiada, para compreender as impressões daqueles que experienciam o fenômeno, e como oferecem a recomposição do passado em diferentes nuanças de sua vida, provocando outras óticas de olharem para o passado. A análise do processo migratório em si, requereu um modo específico para revelar a disposição dos sujeitos de formas muito singulares, uma vez que envolve emoções muito especiais, que acabam por possibilitar a criação relações sensíveis. A percepção das pessoas em relação a seu passado é ampliada pela necessidade de contar, não apenas a vivência de um período, uma experiência, sobre o tema migração, mas "falar da vida" ... "suas vidas". Nesse sentido, nesse sentido desafiamos a vê-los dentro de uma perspectiva do testemunho (, mostrando suas facetas anticoloniais e decoloniais a medida que se inscrevem como possibilidades de entender a história em suas experiencias de uma memória em produção contínua, não apenas amparada e quadros sociais, (HALBWACHS) ou mesmo em uma memória coletiva, mas justamente discutindo as ausências e lacunas na produção histórica. Na Modernidade, o testemunho serviu e serve à esfera jurídica do poder e do saber. Dessa maneira, de acordo com estudos de autores como SELIGMANN-SILVA (2023), esse novo conceito de testemunho deve ser associado a novas práticas de inscrição da memória e à construção de uma cultura resistente e desconstrutora dos processos estruturais aos quais, acabam por serem opressores da dinamização cultural, uma vez que refaz as grandes narrativas e ideologias que pautaram os séculos XIX e XX. Nesse sentido a cultura do testemunho parte da prática do diálogo, no respeito ao outro e na abertura para a sua escuta.

Se estas características oferecem a possibilidade da absorção das nuanças da subjetividade nos discursos, certamente, contribuem também para a realização de um clima de intimidade maior entre entrevistado/entrevistador, diminui distâncias e proporciona mais confiança. Ferreira e Amado (1998) enfatizam essa característica da pesquisa com fontes orais em sua variante "história de vida" e demostram que incorporam "elementos e perspectivas às vezes ausentes de outras práticas históricas... como a subjetividade, as emoções e o cotidiano." (ibid, p. XIV)

Por fim, estas mesmas questões levam a reflexões sobre maiores desafios em relação as responsabilidades da Ciência. Concorda-se que o objetivo último da ciência se efetiva ao transformar o conhecimento em progresso tecnocientífico e, por fim, melhorar a qualidade de vida do ser humano. Em contrapartida surge também, delicada questão entre a busca do conhecimento e a expectativa dessa transformação social, convive com grande desigualdade social. Nessa perspectiva, pretende-se produzir a ciência e, ao mesmo tempo, atender as necessidades de inclusão. Portanto relacionam-se intenções à responsabilidade da ciência através da metodologia e suas aplicações

As experiências em outros trabalhos anteriores demonstram que as razões da opção em fazer história oral são profundas pois não significa fazer apenas a "história de baixo" ou porque seja indicada aos estudos de grupos marginalizados e considerar seus aspectos democratizantes. Muito mais, o ponto motivador para o pesquisador pode ser resumido na capacidade que esta metodologia oferece, de constante reflexão sobre os temas estudados e sobre as fontes, que afinal, devem ser sempre construídas e reconstruídas, à medida em que se descobre não termos apenas um texto no qual se registra memórias objetivas porque sociais ou coletivas. À disposição do pesquisador estão vários textos, subtextos e o próprio contexto: desde os discursos transcritos aos menos visíveis e mais subjetivos, como as entonações das vozes, os gestos e os diferentes símbolos que emergem. São leituras feitas em gestos, em olhares e expressões, em silêncios e esquecimentos, nos lugares e nas condições da entrevista. Enfim, em todo universo que após cada encontro é possível carregar conosco, de forma material e principalmente, em nossas memórias, emoção e sensibilidade. Concorda-se com Camargo (1999, p.171) quando se refere à visão holística que a história de vida apresenta. Ela demonstra o potencial à medida que oferece uma visão de conjunto pois as pessoas, ao lembrarem suas experiências vividas, fazem imbricações, o pensamento delas invade várias conexões diferentes.

É a partir destas observações, que a história oral faz mais sentido para este trabalho. É exatamente nesses cruzamentos entre a subjetividade e a objetividade da memória que as análises podem ser enriquecidas. Por essas razões a história oral é considerada para os objetivos desta pesquisa a metodologia fundamental. Resta delimitar as opções técnicas, ou seja, a forma como serão tratados os depoimentos, na confecção dos documentos.

As Entrevistas

A técnica para trabalhar a história oral seguirá a linha adotada por Meihy (1996, p.32; 57-61) Essa linha compreende três tempos fundamentais na construção do documento: O da gravação das falas. O da confecção do documento escrito e a análise dos resultados.

O contato inicial com os entrevistados foram a partir de formas de comunicação possíveis desde o encontro espontâneo às comunicações digitais. Embora a preferência seja por entrevistas físicas, isto é, de forma presencial, pode abrir-se para vias online, em casos ou situações especiais.

Um TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE), foi enviado para os entrevistados, antes dos encontros. Documento que determina os objetivos e finalidade da pesquisa colocando o entrevistado a par dos detalhes de todo o processo da produção da pesquisa. Esse documento além de ajudar a esclarecer quanto ao produto da pesquisa mostra como este poderá acompanhar sua construção. Nesse sentido os entrevistados foram vistos como colaboradores da pesquisa. Solicitou-se que assinassem um documento, no qual cedem os direitos sobre a entrevista. Ou seja, um termo legando sua fala para ser utilizada por instituições acadêmicas e pesquisadores que delas necessitem para fins, unicamente, de pesquisa científica. (Anexo 1 - Carta de Seção de Direitos da Fala).

Para confeccionar o documento escrito, a técnica é fazer a transcrição dos áudios, que corresponde à passagem da palavra oral à escrita; a seguir será feito um copidesque, ou seja, os erros de português (concordância, regência verbal, ortografia), serão corrigidos com o objetivo de tornar o texto mais inteligível, porém mantendo determinadas expressões, para não descaracterizar a cultura e a pessoa que fala. Após, fez-se a transcrição retirando as repetições e os vícios de linguagem. O objetivo é compor um texto compreensível ao público leitor, sem, no entanto, modificar o conteúdo da fala. Preferimos não criar um texto único, dramatizando a fala do narrador/testemunho. Optamos por conservar as perguntas, no sentido de facilitar o processo de análise das falas

Obedecendo aos critérios éticos, o passo seguinte, foi fazer uma conferência, isto é, o texto será remetido ao depoente para submetê-lo à sua aprovação. O colaborador(a) terá sempre a última palavra, ou seja, poderá alterar o seu resultado.

Finalmente, analisamos os resultados selecionando e expondo fragmentos das falas no decorrer do trabalho à medida em que se tornaram pertinentes para o cumprimento dos objetivos definidos.

Optamos também pelo “caderno de campo”, onde serão registradas as impressões colhidas pelas circunstâncias de cada entrevista. Emoções, sentimentos, locais, relações, enfim, detalhes impossíveis de serem gravados, bem como falas importantes ditas antes ou depois da gravação são elementos considerados e utilizados sempre que necessário para concluir ou completar uma fala, impressão ou análise.

Seguindo as normas da ética em pesquisa, os colaboradores serão contatados durante o processo de pesquisa todas as vezes que forem citados para cumprir a finalidade das normas Éticas.

Embora a identidade dos colaboradores seja necessária, caso desejarem, poderão ficar anônimos ou usarem um pseudônimo no trabalho final. Enfatiza-se que a história de vida é compreendida como um levantamento biográfico da vida da pessoa, onde esta tem total liberdade para dissertar sobre sua vida pessoal. Nesse sentido, procurou-se sempre intervir o menos possível. Um roteiro (Anexo I) guia os objetivos a serem alcançados a partir dos encontros (entrevistas).

Este roteiro é composto de questões amplas divididas em cinco blocos:

1) Refere-se à perspectiva das pessoas se identificam e contam sua hisstoria a partir do Brasil. O objetivo é verificar as referências institucionais básicas dos depoentes (grupos familiares, vicinais, religiosos e educativos);

2) A ideia de emigrar. É constituído por questões cujo propósito é mostrar as motivações que levaram os entrevistados a se interessarem por Portugal e perceber as diferentes formas de inserção no país de recepção.

3) Neste bloco procura-se, ainda, conhecer outras formas de inserção social do depoente: relações de amizade, associações culturais, escolas e grupos políticos etc. Neste bloco será feita a “pergunta de corte”, ou aquela que define e norteia a pesquisa: O que é ser imigrante brasileiro em Portugal?

4) É formado por temas diretamente relacionados à vida cotidiana do imigrante. O objetivo é saber quais os símbolos e significados que ficaram na memória dos depo-entes e como estes os reelaboram.

5) Neste bloco as questões foram colocadas de forma a conduzir os entrevistados a uma reflexão sobre a sua vida em relação à imigração, assim como de que maneira este foi assimilado pela sociedade, segundo o seu entendimento. A intenção é provocar a emergência de impressões sobre as possíveis modificações que os imigrantes tenham ajudado a construir em alguns setores da vida social.

A perspectiva da História Oral é, fundamentalmente, baseada no humano de modo integral em suas relações, sejam estas econômicas, sociais, culturais e emocionais. Nesse ponto há que se repensar as questões que envolvem o par ética/ciência. Entendemos que no Brasil, o processo da ética em pesquisa pode ser percebido já na Constituição de 1988, com o conceito de dignidade da pessoa humana o qual é fundamento da República (art. 1º, III) e especialmente em seu artigo 5 que quando assegura três aspectos norteadores para pensar os desafios da relação ciência e ética.

- Liberdade de expressão científica (art. 5º, IX);

- Inviolabilidade da intimidade, vida privada, honra e imagem, com direito à indenização por dano moral ou material decorrente de violação (art. 5º, X);
- Acesso à informação e resguardo do sigilo da fonte (art. 5º, XIV).

Se por um lado, temos o dever do respeito à pessoa humana, por outro, o desenvolvimento socio/cultural dessa pessoa humana se concretiza a partir do desenvolvimento em Ciência, a qual pleiteia liberdade de investigar e publicar.

Atendendo ao O Código Civil (Lei 10.406/2002) que detalha esses direitos da personalidade (arts.11–21), no que se referem às entrevistas, alguns esclarecimentos se impõem: as relações enrevistador/entrevistado estão longe da dicotomia, da ciência tradicional, sujeito/objeto, principalmente, porque nestes termos o sujeito da pesquisa seria também o seu objeto e a possibilidade de mudança de lugar está sempre presente. Não estamos diante de uma "cultura exótica". O nosso "outro" não está próximo nem é o distante, o "eu" e o outro são diluídos num mesmo. Portanto, não há dicotomias nem domínios e sim colaboração. Buscar-se-á o clima de confiança, desejável à história oral, de forma espontânea. As possíveis "bias" serão contornadas mediante a postura crítica do pesquisador diante da pesquisa, isto é, o controle será realizado por uma reflexão constante sobre o "dado", o "natural", ou ideias pré-concebidas, numa atitude relativizada.

Em relação ao roteiro, deve-se acrescentar, ainda, que nem sempre é possível segui-lo na ordem estabelecida e muitas vezes alguns aspectos não são abordados. Isto se explica porque para atender aos objetivos da pesquisa, procuramos dar às entrevistas um clima de conversa informal, de "bate papo". Dessa forma, muitas vezes o próprio colaborador conduz o encontro. Acredita-se que esta forma contribui para criar o clima de confiança, necessário. e acredita-se que essa posição contribui, como uma forma de respeitar as pessoas e acaba por constituir em interessante e rica fonte de informações, à medida em que verificamos, que se as perguntas forem muito padronizadas, as respostas também se padronizam e acabam por ficar repetitivas. A ideia é de que quando as pessoas ficam mais livres, mais soltas, as lembranças emergem com mais facilidade, trazendo outros dados.

Como Bosi (1987, p.2;39) este estudo usa a expressão "comunidade de destino', que é marcada pelos "traços preponderantes que ligam a trajetória das pessoas independente de gênero, estado civil, idade, religiosidade, padrões de vida econômica". Esta pesquisa optou pela Comunidade de destino", definida pela inserção dos colaboradores no "processo de emigrar/imigrar".

A escolha das pessoas colaboradoras parte de uma entrevista central denominada "ponto-zero", a qual na medida do possível, orientará, as seguintes. A partir daquela

entrevista, indicarão outros colaboradores, formando redes. Não será estipulado um número de entrevistas ideal. Elas irão sendo realizadas à medida que possam atender aos objetivos da pesquisa.

As redes formadas descrevem o perfil dos colaboradores: são especialmente mulheres, mas também homens que estão ligados, de uma forma ou de outra, à experiência migratória. Embora sem a preocupação de definições como classe social, maior ou menor representatividade dentro do grupo, as redes poderão demonstrar esses aspectos e que que a trajetória de vida dessas pessoas está ligada também pelo fato de terem nascido e vivido no Brasil. Elas redes poderão ser quebradas a partir de novas perspectivas que possam surgir, incluindo a recusa em participar. Não houve previamente uma definição do que poderia ser considerado uma identidade imigrante estudo. Por essas razões, a seleção do colaborador apresenta basicamente dois critérios: 1) de as pessoas serem imigrantes brasileiros em Portugal; 2) Chegarem a Portugal a partir de 2000 até o presente momento.

Até ao momento contamos com 36 entrevistas podem ser classificadas em 3 redes: trabalho, família e educação escolar. Considerando os fluxos contemporâneos

a entrevista “ponto zero” foi concedida por Ana Lúcia Moreira. A opção pela Ana Lúcia deu-se em dois sentidos: primeiramente porque se conhecia alguns detalhes de sua vida que a tornavam uma referência exemplar de mulher brasileira imigrante como é entendida e colocado pelo imaginário social: Ainda jovem viveu na Itália e depois escolheu Portugal para residir. Abraçou outros colegas que desejavam viver em Portugal abrigando, várias pessoas. Ana Lúcia, tem a característica de transitar entre grupos e camadas sociais e levou a outras pessoas e grupos diferenciados.

Neste estudo, a fala e o discurso imigrante, suas lembranças e memórias são, mais do que inspiradores, os próprios criadores da pesquisa. Logo, ao problematizar suas falas e seus discursos, pretende-se procurar lacunas e espaços, fazendo um contradiscurso, até revelar o que se esconde nos seus entrecruzamentos.

O Tratamento e armazenamento das Entrevistas

Embora a preferência seja pela entrevista presencial, algumas entrevistas poderão ser totalmente online (WhatsApp, Meet, Zoom, e-mail, redes sociais etc.), ou em parte. Nesse sentido, se aplica o Marco Civil da Internet (Lei 12.965/2014), que estabelece direitos de privacidade, proteção de dados e guarda de registros em ambiente digital.

Para concluir, com objetivo de atender ao LGPD e ao Marco Civil apresentaremos um quadro com as referências dos entrevistados para identificar imediatamente, os colaboradores da pesquisa. Nele estão colocados determinados dados

relevantes que, reunidos, servem para constituir o perfil dos entrevistados. Esse quadro irá explicitar:

Que a finalidade os dados coletados nas gravações de áudio/vídeo servem unicamente para pesquisa cientifica. Os dados farão parte do acervo dos dois pesquisadores envolvidos os quais terão o dever de os armazenar e proteger estarão sob a tutela da pesquisadora Dra Maria Manuela Alves Maia e do Dr. Brian Kibuuka serão colocados à disposição para outros pesquisadores sobre a temática desde que requisitados.

PERFIL DOS ENTREVISTADOS – (em construção)

BIBLIOGRAFIA

BERGSON, Henri. Matéria e Memória: ensaio sobre a relação corpo espírito. Trad. Paulo Neves da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1990. 209p.

BOSI, Eclea. Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos. 2. ed. São Paulo: T.A. Queiroz; EDUSP, 1987. 402p.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica in FERREIRA, M. de M.; AMADO, J. (org.) Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: F.G.V., 1996.p183-191

_____ O Poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa, Portugal: Difel, 1989. 311p.

CAMARGO, Aspásia. Os usos da história oral e da história de vida: trabalhando com elites políticas. In: Dados. Revista de Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Campus. V. 27, n. 1, p.5-28, 1984.

CÁDIMA F. Rui . A Memória e a Era Digital Universidade Nova de Lisboa. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Instituto de Comunicação da NOVA – ICNOVA; disponível https://scielo.pt/pdf/mj/v20n36/v20n36a11.pdf , acesso 02/ 11/2026

FENTRESS, James. WICKHAM, Chris. Memória social: novas perspectivas sobre o passado. Trad. Telma Costa. Lisboa: Teorema, 1992.

FERREIRA, M. de M, AMADO, J. (org) Usos e Abusos da História Oral. Rio de Janeiro: F.G.V., 1996.

FOUCAUT, Michel. A ordem do discurso. Trad. de Laura Fraga Almeida. São Paulo: Loyola, 1996. 49p. (Leituras filosóficas, 1)

HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. Trad. Laurent Leon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990. 188p.

MARCUSE, Herbert. Eros e civilização: uma crítica filosófica ao pensamento de MORIN, E. Cultura de Massas no século XX: Neurose. Rio de Janeiro: Forense, 1997

_____. Os sete saberes necessários à educação. São Paulo: Cortez editora, 2007

MEIHY, José C. S. Bom. O manual da história oral. São Paulo: Loyola, 1996. 78p.reud. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1968. 232p

NORA, Pierre. Entre a memória e a história: A problemática dos lugares. São Paulo: PUC, 1994.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p.3-15, 1989.

PORTUGAL RELATÓRIO DE MIGRAÇÕES E ASILO 2023 (AIMA) disponível. https://aima.gov.pt/media/pages/documents/92dd0f02ea-1726562672/rma-2023.pdf acesso Jul. 2025.

PORTUGAL. Estudo Metodológico sobre as Estatísticas das Migrações, no quadro dos países da CPLP: Medidas para melhorar a eficiência - “Da documentação dos problemas ao encontrar de soluções” CLP Instituto Nacional de Estatística. Lisboa, 23 de abril 2014

RICOEUR, Paul. Pierre Nora: insólitos lugares de memória. In: RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Campinas (SP): Editora da UNICAMP, 2007. p. 412

SELIGMANN-SILVA, Márcio. O que resta do testemunho. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio.A virada testemunhal e decolonial do saber histórico. Campinas (SP): Editora da UNICAMP, 2023. p. 171-186.

THOMPSON, Paul. A voz do passado: história oral. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 1992. 385p.